



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Arte e Cultura
Departamento de Música



CAMINHOS PARA O ENSINO DE GUITARRA ELÉTRICA A DISTÂNCIA

Davi Antonio Dias Lopes

Ouro Preto, MG

2023

Davi Antonio Dias Lopes

CAMINHOS PARA O ENSINO DE GUITARRA ELÉTRICA A DISTÂNCIA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Victor Vale
Universidade Federal de Ouro Preto

Ouro Preto, MG

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE MUSICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Davi Antonio Dias Lopes

Caminhos para o ensino de guitarra elétrica a distância

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música

Aprovada em 16 de agosto de 2023

Membros da banca

Dr. Victor Melo Vale - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Érico Oliveira Fonseca - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Tabajara Sant'Anna Belo - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Victor Melo Vale, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24/08/2023



Documento assinado eletronicamente por **Victor Melo Vale, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE MÚSICA**, em 29/08/2023, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0582361** e o código CRC **3A52AFCD**.

*Dedico esta conquista aos meus pais e ao meu irmão.
Agradeço pelo incentivo.
Vocês foram essenciais nesta caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço aos meus queridos pais, Terezinha e José Geraldo, pelo amor, apoio incondicional e pelos valores que sempre me transmitiram ao longo da minha jornada acadêmica.

Um agradecimento especial ao meu amigo de infância, Álvaro, que sempre esteve ao meu lado, compartilhando alegrias, desafios e conquistas. Sua amizade e apoio foram fundamentais para manter minha motivação e foco durante todo o processo.

Também gostaria de agradecer ao meu amigo de classe, Walyson Roberto, pela parceria e pelo constante intercâmbio de conhecimento ao longo de nossos estudos. Suas contribuições e discussões enriqueceram este trabalho.

Agradeço ao professor orientador, Dr. Victor Vale, pela sua orientação, sabedoria e comprometimento. Sua competência e dedicação foram fundamentais para a condução deste trabalho, e sou grato pela oportunidade de aprender com você.

Expresso minha gratidão aos membros da banca examinadora, o professor Dr. Tabajara Belo e o professor Dr. Érico Fonseca, por aceitarem o convite de avaliar este trabalho e por dedicarem seu tempo e conhecimento para contribuir com suas sugestões e críticas.

Por fim, agradeço a todas as outras pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

RESUMO

Este estudo investiga a abordagem do ensino da guitarra elétrica no contexto do EaD (Ensino a Distância). Baseando em alguns autores como Daniel Gohn, Bernardo Kipnis, dentre outros, exploramos a evolução histórica e as consequências do EaD no campo musical, com foco especial no ensino da guitarra elétrica. Utilizamos uma metodologia que incluiu a aplicação de um questionário em um grupo de 52 indivíduos, a fim de coletar informações e percepções relevantes. Além disso, traçamos um panorama histórico da guitarra elétrica e investigamos as possibilidades para oferecer um curso desse instrumento em EaD, não focando apenas em questões mecânicas, mas apresentando também outros universos do ensino musical. O foco principal do trabalho se baseia na expansão das oportunidades de aprendizado e na exploração de novas perspectivas para os estudantes de guitarra elétrica.

Palavras chave: Guitarra elétrica; EaD; Ensino a Distância; Tecnologia.

ABSTRACT

This study investigates the approach to teaching electric guitar in the context of Distance Learning (DL). Drawing on authors such as Daniel Gohn, Bernardo Kipnis, among others, we explore the historical evolution and consequences of DL in the field of music, with a special focus on the process of teaching electric guitar. We use a methodology that included the administration of a questionnaire to a group of 52 individuals in order to gather relevant information and insights. Additionally, we provide a historical overview of the electric guitar and explore the possibilities of offering a DL course for this instrument, not only focusing on mechanical aspects but also introducing others aspects of music education. The main focus of the study is grounded in expand learning opportunities and explore new perspectives for electric guitar students.

Keywords: Electric Guitar; DL; Distance Learning; Technology.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Sibelius (<i>software</i>) | 17 |
| Figura 2 – Gibson Les Paul | 20 |
| Figura 3 – Fender Telecaster | 21 |
| Figura 4 – Fender Stratocaster..... | 21 |
| Figura 5 – Possível ordem para o estudo de escalas no EaD | 28 |
| Figura 6 – Escala de Dó maior | 30 |
| Figura 7 – Demonstração de posicionamento de câmeras e de partituras numa aula EaD..... | 30 |
| Figura 8 – Captura de um vídeo do Andres Aguero | 31 |
| Figura 9 – Captura de um vídeo do Elevated Jam Tracks..... | 33 |
| Figura 10 – Interface de áudio Focusrite Scarlett 2i2 | 34 |
| Figura 11 – Exemplo de Digital Audio Workstation (DAW) – Studio One..... | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA..... | 10 |
| 2 – O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA | 16 |
| 3 – A HISTÓRIA DA GUITARRA ELÉTRICA E SUA PEDAGOGIA..... | 19 |
| 3.1 - Um breve histórico da guitarra..... | 19 |
| 3.2 – A pedagogia da guitarra elétrica | 24 |
| 4 – SUGESTÕES PARA UM CURSO DE GUITARRA ELÉTRICA MEDIADO PELA INTERNET..... | 27 |
| 4.1 - O estudo de escalas | 27 |
| 4.2 - O estudo de improvisação musical | 32 |
| 4.3 – Questionário sobre o ensino da guitarra elétrica..... | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS | 42 |

INTRODUÇÃO

A música sempre foi algo que me atraiu, assim como meu entusiasmo em descobrir e usar novas tecnologias. Esses interesses se juntaram e me levaram a escolher a música como minha profissão, abrindo um mundo de oportunidades com as tecnologias modernas. Diante do impacto da pandemia do Covid-19, ficou ainda mais clara a importância de explorar essas tecnologias. Foi pensando nisso que decidi pesquisar sobre o ensino da guitarra elétrica na Educação a Distância (EaD), que se tornou o tema deste trabalho. Essa escolha representa a necessidade de compreender e aprimorar as práticas educacionais para o ensino do instrumento em um contexto virtual.

A guitarra elétrica, um instrumento que desperta paixão e admiração em muitos, teve um trajeto inusitado nas universidades brasileiras, sendo muitas vezes excluída das grades curriculares. Essa lacuna resultou em uma falta de metodologias específicas para o estudo desse instrumento, dificultando o acesso a um ensino estruturado e completo. Compreender as particularidades do ensino da guitarra em um ambiente de EaD se tornou um desafio, considerando a relativa novidade dessa abordagem, mesmo que o EaD em si já exista há muitos anos.

Para aprofundar meu estudo, realizei um questionário com 52 estudantes de guitarra, com o intuito de compreender como esses indivíduos iniciaram seus estudos na guitarra, qual a frequência de estudo do instrumento e suas percepções sobre o ensino da guitarra mediado pela internet. Esse levantamento também buscou identificar as vantagens e desvantagens percebidas nesse formato de ensino.

Ao nos envolvermos nesse ambiente de EaD, é importante explorar as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais, para proporcionar uma experiência de aprendizagem enriquecedora e eficaz no estudo da guitarra elétrica. É necessário adaptar metodologias tradicionais e explorar novas abordagens que possam atender às necessidades dos estudantes nesse contexto virtual.

Neste trabalho, estruturei os capítulos de forma a fornecer uma base para o entendimento do ensino da guitarra em EaD. No primeiro capítulo, contextualizei o ensino a distância em geral, abrangendo suas diferentes gerações, desde o ensino por correspondência até o ensino via rádio, televisão e, mais recentemente, por meio de computadores e internet.

No segundo capítulo, abordei o ensino de música a distância, explorando as ferramentas e recursos disponíveis para um ensino mais dinâmico, que é de extrema importância para a compreensão e o desenvolvimento dos estudantes de música.

No terceiro capítulo, falei brevemente sobre a história da guitarra elétrica, desde sua origem nos anos 1940, até sua ascensão e popularidade, incluindo seu trajeto até chegar ao Brasil. Foi importante destacar que, frequentemente, a guitarra é ensinada informalmente, o que ressalta a necessidade de uma abordagem mais estruturada. Apresentei também os pilares fundamentais da educação musical que podem contribuir para uma melhoria no ensino da guitarra elétrica em EaD.

No último capítulo, ofereço sugestões para o ensino da guitarra mediado pela internet. Explorei estratégias para trabalhar o ensino de escalas nesse formato, assim como sugestões para o desenvolvimento da improvisação, considerando as características específicas do ensino remoto.

A proposta deste estudo é apresentar um olhar abrangente sobre o ensino da guitarra elétrica em ambiente virtual, considerando os desafios e oportunidades dessa abordagem. Ao final deste trabalho, espera-se que os leitores despertem a reflexão e o debate sobre a importância de explorar as novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem musical.

Por fim, vale ressaltar que este trabalho não pretende esclarecer sobre todas as possibilidades do tema, mas sim abrir caminhos para futuros debates e pesquisas, além de contribuir para o avanço de conhecimento nessa área. O ensino da guitarra elétrica em EaD representa um campo promissor, que une o potencial das tecnologias digitais e a busca por uma educação musical acessível e de qualidade.

1 – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Inicialmente é necessário entender o que é Educação a Distância (EaD). De acordo com o MEC, é uma forma de ensino/aprendizagem em que alunos e professores encontram-se separados fisicamente e temporalmente, tornando-se fundamental o uso da tecnologia e dos meios de comunicação. Devido a um desenvolvimento exponencial, o EaD rapidamente ganhou uma legislação própria para a sua normatização e implementação, tanto na educação básica como na educação superior.

É válido ressaltar que o EaD tem uma estrutura e metodologia próprias desenvolvidas para garantir que o aluno tenha autonomia no aprendizado, sendo todo o material (aulas, avaliações, apostilas e afins) preparado anteriormente e colocado na plataforma utilizada pela instituição de ensino. O aluno tem acesso ao conteúdo planejado pelo professor, mas eles não estão conectados de forma síncrona, diferente do que ocorre no ensino remoto (ensino virtual, ensino on-line) em que professor e alunos não dividem o mesmo espaço físico, porém estão conectados através de determinada plataforma que ofereça suporte a videochamadas.

Analisando os primeiros registros e entendendo o atual funcionamento do EaD, é possível dividir esse formato de ensino em algumas gerações¹. Há divergências em relação ao número de gerações, se são três, quatro ou cinco, mas o importante é que devem ser compreendidas de acordo com os recursos disponíveis no momento (KIPNIS, 2009).

Alguns autores compreendem o recente desenvolvimento do EaD em ondas, isto é, não dividem em etapas/gerações que são claramente entendidas de forma isolada, mas em ondas que coexistem, até porque o surgimento de um meio de comunicação não fez o outro ser obsoleto imediatamente. “Ainda hoje se utilizam formatos de EaD pertencentes a todas as ondas. Assim como no mar, onde não fica muito clara a separação entre as ondas, também na EAD, a onda seguinte não tem início no final da anterior, confundindo-se uma com a outra.” (PALHARES, 2009, p. 48).

Um dos primeiros registros de Ensino a Distância foi um anúncio em março de 1728, na *Gazette* de Boston, EUA, em que Caleb Philips enviava suas lições por correspondência todas as semanas para os inscritos. Posteriormente Isaac Pitman ofertou

¹ Entende-se por gerações do EaD os recursos utilizados em determinada época (geração das correspondências, do rádio, da televisão, dos computadores).

um curso de taquigrafia por correspondência, em 1840, na Grã-Bretanha. (NUNES, 2009).

A formatação do EaD por correspondência foi a mais duradoura, tendo seu uso perpetuado até o final do século XX. Dentre as características desse formato de ensino, além do tipo de material didático usado (geralmente material impresso), verificamos a relação mediada por cartas entre professor e aluno. Todos os dias as cartas eram retiradas dos correios, e eventualmente, até duas vezes por dia. Hoje o EaD por correspondência não é mais utilizado, mas sua importância é reconhecida e reservada em lugar de destaque (PALHARES, 2009).

A chegada do rádio no início do século XX inovou o modo de comunicação no mundo, principalmente por ser popular e possuir maior alcance de público. Em meados dos anos 1960, o rádio começou a ser utilizado como um meio para o EaD, e tinha cursos destinados à alfabetização de adultos e capacitação para o trabalho. O lado atrativo estava na conexão mais próxima entre o ouvinte e o locutor. Os recursos expressivos eram bem utilizados em programas que continham elementos de drama, afeto, humor, e outros sentimentos, atendendo, assim, as demandas do ouvinte (BIANCO, 2009).

Outra plataforma midiática também possibilitou o desenvolvimento do EaD no século XX. A televisão existe desde os anos 1930, mas somente a partir da Segunda Guerra Mundial é que avançou como um novo meio de comunicação (NUNES, 2009). Entre 1960 e 1980 a televisão teve um importante papel como meio educativo, e no Brasil, a Fundação Roberto Marinho criou alguns programas, como os telecursos, que serviram um número imenso de pessoas (ALVES, 2009). No entanto, mesmo com o avanço da televisão o rádio não ficou obsoleto. Em 1967, o Código Brasileiro de Telecomunicações determinou a transmissão de programas educativos em emissoras de rádio e televisão em todo o território nacional, como cita João Roberto Moreira Alves:

Coube ao Código Brasileiro de Telecomunicações, publicado em 1967, a determinação de que deveria haver transmissão de programas educativos pelas emissoras de radiodifusão, bem como pelas televisões educativas. Alguns privilégios a grupos de poder foram concedidos para a concessão de televisões com fins específicos de educação. As universidades e fundações, por exemplo, receberam diversos incentivos para a instalação de canais de difusão educacional. (ALVES, 2009, p. 9).

Ao mesmo tempo em que a televisão cumpria o seu papel de entretenimento e educação em vários países, observa-se a criação, em 1969, da Open University (Reino Unido), tendo como objetivo ampliar a popularização da educação superior (GOMES, 2009). O sucesso repercutiu no mundo todo, e no Brasil alguns parlamentares

desenvolveram projetos para a implementação de uma instituição similar à do Reino Unido (ALVES, 2009).

Em 1972, os deputados brasileiros sugeriram a criação de uma Universidade Aberta, porém, os mesmos admitiram que seria melhor esperar um julgamento futuro mais amadurecido, pois naquele momento a proposta tinha como objetivo permitir a frequência livre em cursos de nível universitário e não exatamente criar a Universidade Aberta (ALVES, 2009). Em 1974 houve uma nova iniciativa, como cita João Roberto Moreira Alves:

Em 1974, surge efetivamente a iniciativa de ser instituída a universidade aberta, por meio do projeto de lei nº 1.878. A proposta dizia que “entende-se por universidade aberta a instituição de nível superior, cujo ensino seja ministrado através de processos de comunicação a distância”. (ALVES, 2009, p. 12).

O projeto não foi encaminhado de maneira correta ao Congresso Nacional, e novamente foi arquivado. Outras tentativas foram realizadas, mas sem sucesso. Porém, anos depois o próprio Executivo criou um novo projeto de EaD, a Universidade Aberta do Brasil (UAB). No entanto, apesar do nome essa instituição não era ‘aberta’, e nem mesmo se tratava de uma universidade, mas de um consórcio de instituições públicas de ensino superior (ALVES, 2009).

Enquanto no Brasil se discutia sobre instituições para o EaD, novos recursos tecnológicos estavam em progresso pelo mundo todo, e por volta de 1985, a Sony e a Philips desenvolveram o CD-ROM como um recurso para armazenamento de dados de computadores, e possuía o mesmo formato físico dos discos compactos de áudio (*Compact Discs*). De início era usado somente para leitura, e tudo que estava no CD-ROM era gravado pelo fabricante, e em seguida desenvolveram o CD-RW, onde era possível gravar qualquer tipo de dado, áudio, vídeo e até conteúdos mistos (VALENTE, 2009).

Apesar do CD-ROM ter sido inventado em meados da década de 80, o seu uso no Brasil só aconteceu quase 10 anos depois. Se pensarmos no uso de aparelhos eletrônicos pelas universidades brasileiras, poderemos observar que as primeiras instalações de computadores ocorreram apenas na década de 70. Eram equipamentos imensos e de alto custo, tendo ficado acessíveis à população somente décadas mais tarde. E foi esse acesso da população aos computadores, somado à chegada da internet, que potencializou o desenvolvimento do EaD no Brasil e em todo o mundo (ALVES, 2009).

Novos modelos de ensino surgiram com a comunicação via computador. Segundo Lucio Teles:

Também mudam as noções de espaço geográfico e de tempo: o acesso pode ser feito de qualquer lugar do planeta pela Internet, e o tempo é expandido a uma ou mais semanas ou dias, diferentemente da hora regular da sala de aula tradicional, que requer um determinado horário específico. (TELES, 2009, P. 72).

Como o EaD possui suas próprias dinâmicas e características, fica claro que suas metodologias também devem ter suas especificidades, diferente daquelas consubstanciadas pelo ensino presencial. Além dos materiais concebidos e utilizados originalmente para esse fim, o professor que se utiliza do ensino mediado por plataformas digitais (EaD, Ensino remoto, online) deve explorar a criatividade e inovar sua metodologia de ensino, objetivando a maior autonomia possível dos alunos (TELES, 2009).

Atualmente, com os avanços tecnológicos, os cursos se utilizam de ferramentas “multiplataforma” (*cross-platform*). Por multiplataforma entende-se a capacidade de um determinado programa ser executado em diferentes tipos de dispositivos, como por exemplo, o YouTube, que pode ser acessado em computadores, smartphones, TVs, aparelhos de videogame, tablets, visando atender às demandas da sociedade atual. Tais avanços possibilitaram o acesso a cursos em qualquer hora e lugar, de acordo com os *softwares*² utilizados pela instituição (ALMEIDA, 2019). Porém, sabe-se que o avanço exponencial dos aparelhos e programas eletrônicos é uma das características da sociedade moderna atual, em que a unidade fundamental são as tecnologias de informação e comunicação (TICs), que acabam por alterar a dinâmica e logística de muitas formas de trabalho, justamente por sua rápida e precisa capacidade de difusão de informações. Segundo Carvalho Junior, Barbosa e Castro:

A EaD é um dos componentes que caracteriza a sociedade capitalista contemporânea cujo elemento central são as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Harvey (1992) e Castells (2000) demonstram isso em seus estudos, e podemos complementar que muitas formas de trabalho vêm se alterando nesta sociedade, sendo cada vez mais comuns os trabalhos sazonais, por projetos, os plantões em forma de revezamento e trabalhos sem vínculo e sem rotina diária. Para esses sujeitos, a EaD é uma possibilidade, pois estes não possuem tempo hábil para se dedicar aos estudos de forma presencial. (CARVALHO JUNIOR; BARBOSA; CASTRO, 2021, p. 1).

² De acordo com o Dicio (Dicionário Online de Português), *software* é um “conjunto de elementos que, num computador, compõe o sistema de processamento de dados; todo programa que se encontra armazenado no disco rígido.”

Com base nos resultados do Censup³ (Censo da Educação Superior), realizado pelo Inep, em 2020, o número de matrículas em cursos de graduação na modalidade a distância foi superior ao número de matrículas em cursos presenciais. De acordo com a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), mais de 2 milhões (53,4%) optaram por cursos a distância, e esses números podem continuar aumentando por conta da flexibilidade, conveniência e preço desse formato de ensino.

Vivemos hoje na chamada “era da informação”. Segundo Gómez (2015, p. 17) “a capacidade para usar a tecnologia da informação é cada dia mais decisiva, pois muitos dos serviços, do trabalho e dos intercâmbios estão e estarão cada vez mais acessíveis apenas por meio da rede.” Com a difusão da internet, a velocidade da produção e distribuição de informações é muito alta, o que, a princípio, pode inferir positivamente nas mais variadas didáticas e pedagogias. Contudo, há de se direcionar os caminhos pedagógicos para que os alunos não se percam no excesso de informações. Parece paradoxal, mas muitas vezes o excesso de informações, retiradas de contexto e de um direcionamento pedagógico, pode se tornar um problema no que tange o ensino. Segundo Gómez (2015, p. 27) “frequentemente, o indivíduo não pode processar a quantidade de informação que recebe e conseqüentemente se enche de “ruídos”, de elementos isolados, de maior ou menor destaque...” É necessário que a pessoa saiba organizar e diferenciar as informações que recebe no cotidiano, visto que os dispositivos digitais possuem grande potencial de abrir horizontes para a evolução das particularidades que integram sua identidade pessoal (GÓMEZ, 2015).

No EaD, apesar do professor se manter como a figura mediadora entre a informação e o aluno, este último tem, devido à distância, um papel mais protagonista na construção do conhecimento. Não obstante, torna-se fundamental o hábito da leitura, organização e planejamento dos estudos (CARVALHO JUNIOR, BARBOSA e CASTRO, 2021). Existem outros inúmeros fatores que podem dificultar esse formato de ensino. De acordo com Carvalho Junior, Barbosa e Castro (2021, p. 1) “percebe-se, em muitas instituições, que as turmas desta modalidade iniciam com um quantitativo elevado de alunos e no decorrer do curso os alunos vão se evadindo.” Eles ainda citam:

Dentre esses indícios, os fatores considerados cruciais na evasão, especificamente, na EaD foi a falta de conhecimento de informática, falta de material didático impresso, falta de acesso à internet e computador em casa, e

³https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2020.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

a falta de tempo ou má gestão do tempo para se dedicar aos estudos. A autonomia dos estudantes no início do curso ficou prejudicada. Se o curso em EaD não promover uma boa base e estrutura para manter os alunos, dando a todos os suportes necessários, muitos podem desistir logo no início. (CARVALHO JUNIOR; BARBOSA; CASTRO, 2021, p. 5).

Apesar das adversidades, o Ensino a Distância possui enorme valor na sociedade atual. Muitas vezes, o EaD é a única possibilidade de acesso ao ensino para uma série de pessoas. Isso porque intensas jornadas de trabalho, somadas a uma rotina doméstica e familiar, impossibilitam que um grande número de pessoas frequente cursos presenciais, com horários rígidos e pré-estabelecidos. O atual mercado de trabalho requer cada vez mais competências voltadas para a inovação. O trabalho remoto, por exemplo, tem sido uma dessas inovações que muitos benefícios trouxeram para o mercado. Sendo assim, o EaD se faz importante para uma série de profissionais que, mesmo com uma intensa jornada de trabalho, precisam constantemente de capacitação e aprimoramento. Gottardi cita:

Atualmente, a EaD contribui de forma estratégica para o enfrentamento das constantes mudanças no mundo do trabalho e da educação. A modalidade ganha espaços e auxilia pessoas, especialmente profissionais, motivando-os a estudar ou a continuar seus estudos, através da redução de fronteiras espaciais e temporais. Empresas com modelo de Educação Corporativa 5 desenvolvem geralmente estratégias organizacionais de aprendizagem utilizando-se da EaD, de treinamentos presenciais e de troca de experiências vivenciais aliadas à prática cotidiana do trabalho. (GOTTARDI, 2015, p. 4)

Como foi dito até então, o EaD muito contribui para o desenvolvimento e a capacitação de jovens e adultos que almejam ou já estão dentro do mercado de trabalho. Contudo, como o EaD se comporta no ensino das artes? Quais são os métodos e direcionamentos necessários para que esse tipo de ensino, que tradicionalmente sempre se mostrou presencial e tutorial, se faça eficaz? Cabe-nos agora discutir essas questões e entender como o EaD estrutura o ensino da música e, mais pontualmente, quais seriam as dinâmicas e metodologias utilizadas para o ensino de guitarra elétrica para alunos iniciantes dentro deste contexto. Abordaremos essas questões no próximo capítulo.

2 – O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA

O ensino da música, assim como o das artes de uma forma geral, sempre se consolidou como sendo tradicionalmente presencial e tutorial, tendo mestre e aluno uma relação mais intimista. De acordo com Lima e Mattar (2017, p. 7) “a formação artística através da relação mestre-aprendiz é anterior ao modelo da Academia e começa a perder espaço diante da realidade fabril e industrial.” Mesmo que atualmente os professores façam uso de computadores e outras ferramentas eletrônicas para auxiliar seus exercícios pedagógicos, o ensino presencial e tutorial ainda é a forma didática mais praticada no nosso e nos demais países.

No ensino musical, as novas ferramentas de trabalho e pesquisa, como programas para videochamadas, edição de partitura, armazenamento em nuvem⁴, etc. possibilitam que um aprendiz tenha acesso aos mais variados materiais didáticos, de diferentes épocas e autores. No universo do EaD, o senso de pró-atividade do aluno é essencial para o desenvolvimento de sua autonomia, além de criar condições para o estudo sem a constante presença física de um professor. Se houverem dificuldades, essas podem ser mais facilmente sanadas pelo fato deste modelo de ensino apresentar o conteúdo em diversos níveis e etapas, os quais o aluno pode acessar quantas vezes quiser. Diante da grande variedade de matérias e disciplinas musicais, algumas de caráter mais prático e outras mais teóricas, torna-se importante pensar em potenciais ferramentas para auxiliar o professor na sua atividade docente. Este é um dos grandes trunfos que o EaD traz para o ensino musical, ou seja, possibilidades de o aluno vivenciar os conteúdos e as experiências musicais de maneira mais dinâmica e atual. As novas ferramentas podem auxiliar de forma significativa o ensino tradicional, ao mesmo tempo que viabilizam um estudo mais independente e descomplicado (GOHN, 2009). Um exemplo deste fato pode ser vislumbrado em alguns programas de computador e celular para a prática do treinamento auditivo/solfejo e da harmonia. Gohn cita:

A máquina jamais se cansa de realizar exercícios e corrigir erros. Aprendizes com acesso à Internet utilizam sites como o Musictheory.net (www.musictheory.net) para aprender a teoria e praticar a percepção de intervalos, escalas e acordes, em um aprendizado que está subordinado à repetição contínua de exercícios para identificar diferenças entre a sonoridade de cada exemplo estudado. (GOHN, 2009, p. 284).

⁴ Disponível em: <https://aws.amazon.com/pt/what-is-cloud-storage>

O estudo da percepção musical requer um expressivo treinamento auditivo, o que acarreta na grande necessidade da escuta analítica. No ensino presencial, geralmente esse tipo de atividade é realizado com acompanhamento de algum instrumento musical, usualmente o piano ou violão (GOHN, 2009). Já na dinâmica do Ensino a Distância, onde o professor não se faz presente de forma síncrona, é possível utilizar recursos que também são usados no ensino presencial. Podemos citar a criação de banco de dados, onde professores podem depositar partituras e áudios criados em *softwares* desenvolvidos especificamente para a prática musical, como o Sibelius e MuseScore.

Figura 1 – Sibelius (software)



Fonte: Site da Avid⁵, 2022

Além da percepção musical, outras disciplinas relacionadas à música podem usufruir das potencialidades do EaD, como por exemplo disciplinas relacionadas à história da música. Este segmento do conhecimento musical busca compreender esse fenômeno nos mais variados contextos: históricos, sociológicos, teóricos, estéticos, etc. De acordo com Barros (2018, p. 29) “através das fontes musicais, podemos estudar não somente a música de uma dada sociedade (o que confluiria para uma história da música), mas também a própria sociedade como um todo, nos seus aspectos extramusicais.” Além dos materiais usados no ensino presencial, uma aula de história da música em formato EaD pode utilizar uma série de recursos inovadores, visando tornar a prática didática mais lúdica, clara e interdisciplinar. De acordo com Gohn (2011, p. 75) “no estudo sobre um determinado artista, gênero musical ou período histórico, a transição entre texto, som e

⁵ Disponível em: <https://www.avid.com/resource-center/Whats-New-in-Sibelius>

imagem enriquece os materiais...”. A possibilidade de o professor utilizar recursos como documentários, animações, filmes, potencializa a compreensão do fenômeno histórico.

Falamos até então de disciplinas musicais com um caráter mais teórico. Cabe-nos pensar agora na possibilidade de vivenciar a pedagogia de um instrumento nos limites ferramentais do EaD. Sabemos que o estudo instrumental repousa na atividade da performance, onde o treinamento técnico-mecânico, associado ao estudo do repertório, permite o aluno se desenvolver como instrumentista e compreender a música como uma linguagem. Acreditamos que da mesma forma como ocorre no estudo da percepção musical, a utilização de programas eletrônicos pode também potencializar o desenvolvimento do aluno de instrumento. Poderíamos citar como ferramentas de suporte o Guitar Pro⁶ ou o Sibelius que, além das suas múltiplas possibilidades, auxiliam também os alunos nos fundamentos da leitura musical.

As múltiplas especificidades que decorrem do ensino instrumental devem ser cuidadosamente relativizadas na prática docente do EaD. Sabemos que o estudo de um instrumento requer uma expressiva atenção aos mínimos detalhes, a movimentações e mecânicas extremamente sutis. Sendo assim, um material didático em EaD, que se propõe a cumprir o ensino das minúcias e sutilezas técnicas de um determinado instrumento, deve dar condições ao aluno para que este visualize, compreenda e possa experimentar toda a construção da mecânica e técnica de seu instrumento. Uma das formas de criar possibilidades para que o aluno compreenda as sutilezas de tais tecnicidades está no uso de múltiplas câmeras para captar determinados movimentos e conceitos mecânicos. Todo esse aparato serve, neste caso específico, para minimizar as possíveis perdas oriundas do distanciamento entre professor e aluno, pois, segundo Gohn (2009), essa área da música necessita de proximidade entre docente e discente, onde deverão ser observados pontos como postura, posicionamento de mãos, relaxamento muscular e outros pequenos detalhes.

A partir desses conceitos, somados ao histórico da guitarra elétrica – o qual veremos a seguir – podemos compreender as necessidades dos alunos, e apresentar sugestões para uma forma de ensino de guitarra que se enquadre dentro das dinâmicas do EaD.

⁶ Disponível em: <https://www.guitar-pro.com/>

3 – A HISTÓRIA DA GUITARRA ELÉTRICA E SUA PEDAGOGIA

3.1 - Um breve histórico da guitarra

A guitarra⁷ que conhecemos atualmente é resultado de diversos experimentos ao longo do século XX. Com o crescimento das *big bands* norte-americanas, houve uma necessidade de amplificação do volume sonoro projetado pelo violão. Diante dessa necessidade de amplitude sonora, surgem, nos anos 1920, as primeiras guitarras elétricas conhecidas como eletroacústicas. Sendo uma das primeiras tentativas de amplificação instrumental, era esperado possíveis problemas ou dificuldades quanto a questões elétricas. Esses instrumentos eletrificados, ao tentar atingir altos níveis de volume, acabavam apresentando sérios problemas de microfonia (CARAVEO, 2016). Segundo Eduardo de Lima Visconti:

No ano de 1923, o engenheiro Lloyd Loar desenvolveu um captador para instrumentos de corda, mas não conseguiu chegar num modelo que se viabilizasse comercialmente. Somente oito anos depois, George Beauchamp e o músico Adolph Rickenbaker conseguiram produzir um captador magnético para uma guitarra horizontal “Lap-steel”, que foi popularizada na música havaiana, e obtiveram resultados satisfatórios com o novo invento. Nesse período, tentou-se desenvolver uma tecnologia em instrumentos acústicos, porém, a microfonia gerada pela ressonância da caixa acústica inviabilizava os experimentos. (VISCONTI, 2010 P. 7).

De todos os primeiros desenvolvedores da guitarra elétrica, valendo citar nomes como George Beauchamp, Adolph Rickenbacker, Lloyd Loar, foi Lester William Polsfuss, mais conhecido como Les Paul, que conseguiu resolver alguns dos problemas de microfonia existentes nas versões anteriores (MARTINS, 2015). No ano de 1941, Les Paul desenvolveu sua primeira guitarra de corpo sólido, chamada de “*The Log*”. No processo de desenvolvimento desse instrumento, Les Paul utilizava as oficinas da Epiphone aos domingos. No entanto, quando o projeto ficou pronto, Les Paul apresentou o instrumento à Gibson, que naquela época era concorrente da Epiphone. Apesar dos esforços de Les Paul, os diretores da Gibson não aprovaram o projeto, arquivando, naquele momento, a ideia de uma guitarra elétrica de corpo sólido. A realização deste projeto só se deu dez anos depois, em 1951, com o desenvolvimento da famosa guitarra

⁷ O termo ‘guitarra’ pode se referir à guitarra elétrica, ou, no caso de países como Espanha e Portugal, se referir ao violão (SOUZA, 2002). Portanto, nesses países, o nome ‘guitarra’ aparece acompanhado de algum termo que remete à eletricidade, como é o caso dos Estados Unidos, onde geralmente, utiliza-se ‘*electric guitar*’ e ‘*acoustic guitar*’ para guitarra elétrica e violão, respectivamente. Portanto, neste trabalho, o termo ‘guitarra’ será utilizado em referência à guitarra elétrica. (Nota do autor).

cujo modelo leva o nome de seu criador, a “*Les Paul*”, estando disponível no mercado um ano após o seu desenvolvimento, em 1952 (SOUZA, 2002).

Figura 2 – Gibson Les Paul



Fonte: Site da Gibson⁸, 2022

Mesmo com o projeto em mãos, a Gibson não foi a primeira empresa a produzir guitarra em massa, pois, durante os dez anos em que o primeiro projeto de uma guitarra de corpo sólido esteve arquivado, outra empresa surgiu neste setor, a Fender. Leo Fender iniciou seu trabalho com uma oficina de conserto de rádios. Aos poucos começou a consertar amplificadores de amigos, até que se tornou sócio de um músico local, Doc Kaufmann, com quem fundou a K&F Manufacturing Corp. A empresa focava na construção de amplificadores e guitarras havaianas. Após alguns anos, os dois sócios se separaram e Leo Fender abriu uma empresa com seu sobrenome, especializando-se no desenvolvimento de guitarras elétricas. Em 1951, Leo Fender chegou ao primeiro formato de corpo sólido, a *Telecaster* (antes chamado de *Broadcaster*), modelo que já na época foi produzido em massa. O sucesso foi tão grande que o instrumento acabou sendo aderido por músicos do Country e Blues (SOUZA, 2002) Toda uma geração de guitarristas que tinha o country e principalmente o blues como linguagem basilar de seu instrumento, acabaram por influenciar e catapultar o desenvolvimento da guitarra elétrica, além de propiciar o “nascimento” dos primeiros *Guitar Heroes*, como o estadunidense Chuck Berry.

⁸ Disponível em: <https://www.gibson.com/en-US/Electric-Guitar/USAUBC849/Heritage-Cherry-Sunburst>

Figura 3 – Fender TelecasterFonte: Site da Fender⁹

Nos anos 1950, Chuck Berry, um dos grandes nomes da guitarra mundial, inovou a forma como o instrumento se apresentava na época. De acordo com Mussoi (2020, p. 16) “ele apresentava um estilo frenético de tocar guitarra que logo conquistou as plateias. Sua fama, aliada à explosão do Rock, foram elementos que impulsionaram a venda de guitarras e a popularização do instrumento”, além de influenciar grandes nomes da guitarra da década de 60 e 70, como o lendário Jimi Hendrix.

Sendo um dos guitarristas mais idolatrados até hoje, Jimi Hendrix alcança a popularidade na década de 60. Este, além de deixar um legado de grande importância para o universo da guitarra, foi responsável por influenciar diversos guitarristas que surgiram nos anos seguintes. Seu estilo era único, e utilizava diversos recursos para alterar o timbre da guitarra, como o pedal de *Wah-Wah*. Hendrix fez com que as possibilidades no instrumento fossem totalmente reexaminadas. Hendrix também foi responsável pela popularidade da *Stratocaster*, talvez um dos modelos de guitarra mais famosos do mundo.

Figura 4 – Fender StratocasterFonte: Site da Fender¹⁰

⁹Disponível em: <https://www.fender.com/en/electric-guitars/telecaster/american-vintage-ii-1951-telecaster/0110312850.html>

¹⁰Disponível em: <https://www.fender.com.br/produto/10171928/guitarras/guitarra-fender-player-stratocaster-pf-014-4503-500-3-color-sunburst>

Além dos músicos citados anteriormente, vários outros contribuíram para a expansão cultural e estética da guitarra elétrica. Nos anos 1970, por exemplo, o Black Sabbath lançou seu primeiro álbum. Esta gravação atribuiu um conjunto de novas sonoridades para a música da época, no qual a guitarra de Tony Iommi se faz protagonista. Este guitarrista perdeu a ponta dos dedos anelar e médio, fato que forçou o músico a pesquisar novas afinações e possibilidades de digitação. Essas mudanças nas afinações, somadas aos efeitos já utilizados anteriormente, como distorções, resultou numa sonoridade obscura e potente (MUSSOI, 2020). O Black Sabbath, não só influenciou os músicos ao longo dos anos seguintes, como também marcou o início do *Heavy Metal*¹¹

As décadas de 70 e 80 foram palco do surgimento de inúmeras bandas, conjuntos estes que imortalizaram diversos guitarristas, como Jimmy Page, Albert Lee, David Gilmour, George Lynch, Nile Rodgers, entre muitos outros. Foi uma época onde surgiram muitas bandas, hoje canônicas, como o Deep Purple, Iron Maiden e Judas Priest, mas também grandes guitarristas, como o icônico Eddie Van Halen. Este, assim como Hendrix, revolucionou ainda mais a forma de tocar guitarra, principalmente por seu virtuosismo técnico. Além da técnica, Van Halen foi um grande pesquisador de timbres para a guitarra, além de uma série de efeitos que não eram utilizados e tão pouco conhecidos na época (MUSSOI, 2020).

A década de 1980 pode ser considerada um dos períodos que mais contribuiu para a popularidade da guitarra elétrica. O *Heavy Metal* e o *Rock* apresentaram ao mundo grandes nomes como Steve Vai, Yngwie Malmsteen, Randy Rhoads, etc. Nessa época, mesmo o público que não tinha admiração por esses gêneros musicais, foram expostos à sonoridade agressiva e contagiante da guitarra elétrica. A guitarra, anteriormente atuante no *Rock* e no *Blues*, começa a adentrar novos gêneros musicais, como o *Pop*¹². Um exemplo é a faixa de guitarra na música *Beat It*, lançada em 1982 por Michael Jackson, e que contava com a parceria de Van Halen nas guitarras (MUSSOI, 2020).

Não obstante o desenvolvimento da guitarra elétrica no mundo, com todas suas inovações técnicas, estéticas e culturais, vale a pena lembrar que o instrumento também

¹¹ Historicamente, não é exata a origem do Heavy Metal, mas muitos pesquisadores e artistas creditam a primeira obra do gênero musical à banda britânica Black Sabbath, com o lançamento do seu álbum homônimo em 1970. Esse álbum contém toda a estrutura musical do que seria conhecido dali em diante como Heavy Metal: riffs de guitarra distorcida, melodias que soam obscuras, combinação de baixo e bateria que deixam a música mais impactante no quesito “massa sonora”. (MUSSOI, 2020, p. 11)

¹² Partindo para concepções estritamente musicais, a “música pop” como um gênero, opera sob a égide do ecletismo, mas aponta para lugares comuns na sua formação: as canções de curta e média duração, de estrutura versos-pontes, bem como do emprego comum de refrãos e estruturas melódicas em consonância com um certo senso sonoro pré-estabelecido. (SOARES, 2015, p. 24).

se encontrava em ascensão no Brasil. Tivemos nomes de suma importância para a popularização do instrumento no país, como Heraldo do Monte, Toninho Horta, Robertinho de Recife, Pepeu Gomes e Sérgio Dias. De acordo com Rogério Borda:

Sérgio Dias, ex-integrante do grupo Os Mutantes é considerado o primeiro guitarrista do Tropicalismo; Lanny Gordin apareceu logo depois. Autodidata, Lanny começou a tocar na boate Stardust, de propriedade de seu pai. Era a boate em que Hermeto Pascoal tocava no início de sua carreira em São Paulo. (BORDA, 2005, p. 40).

Segundo Borda (2005), o Tropicalismo buscou incluir todas as expressões da canção popular, utilizando toda aquela rebeldia oriunda do Rock norte americano, e por consequência, alcançou facilmente o público jovem. De acordo com Rogério Lopes (2013, p. 18), “os tropicalistas têm uma grande importância artístico-estética, por não se fecharem a nenhuma proposta estrita, específica, a respeito de música”. (LOPES, 2013, p. 18) ainda diz que “o que se observa no caso dos guitarristas do Tropicalismo é o uso de uma estética estrangeira, característica de gêneros como jazz, blues e rock, a serviço de músicas que podem ser ou não de matizes nacionais.” O movimento foi de extrema relevância principalmente por disseminar a guitarra elétrica nas canções brasileiras, visto que, pouco antes o instrumento ainda não era aceito por alguns artistas brasileiros.

Apesar da grande adesão da guitarra elétrica na música brasileira, houve um embate entre usar ou não esse instrumento em produções musicais nacionais. Pode-se observar essa repelência no movimento acontecido no ano de 1967 e que ficou conhecido como “passeata contra as guitarras elétricas”, cujo objetivo principal era o de tentar reverter a influência da música estrangeira na arte nacional. De acordo com Vinicius Carvalho Veleda:

Esta passeata surgiu, primeiramente, na tentativa de resgatar a audiência do programa Fino da Bossa de Elis Regina. Por consequência, devido ao contexto turbulento da música popular, acabou servindo como uma forma de conscientização do “mal” que poderia ocorrer com a invasão da música estrangeira. Tomando proporções inesperadas, virou uma manifestação pública de rua, conhecida como a “Passeata contra as guitarras elétricas”. Esse grupo necessitou defender a música brasileira, alegando esta ser de um nível muito superior que o rock and roll, ou até mesmo o “iê-iê-iê”, personificado pela figura de Roberto Carlos. (VELEDA, 2012, p. 3)

Apesar desse movimento contra a entrada da cultura americana, aos poucos a guitarra se inseriu ainda mais na música brasileira, o que multiplicou o número de interessados no aprendizado do instrumento. Nessa época ainda não existia uma metodologia muito clara para o ensino de guitarra no Brasil, fazendo com que os primeiros professores e pedagogos acabassem por utilizar e adaptar métodos de outros

instrumentos. Mesmo com os métodos de violão adaptados para a guitarra, alguns guitarristas sentiram a necessidade de pesquisar ainda mais e criar uma metodologia própria a esse instrumento, conteúdos estes que poderiam ser aplicados em aulas particulares, sendo este o principal formato da prática pedagógica deste instrumento até os dias de hoje (CARAVEO, 2016).

3.2 – A pedagogia da guitarra elétrica

A abordagem pedagógica baseada em aulas particulares é fundamental para o ensino musical. Módolo e Figueireido (2013) reconhecem a importância das aulas particulares, pois, essas além de servir para alunos que querem se profissionalizar, servem também para alunos que querem iniciar sua trajetória musical através desse instrumento. Tal modelo pedagógico pode ser visto em profissionais que fazem da aula particular sua principal fonte de renda, mas também professores de guitarra que pertencem a cursos de música um pouco mais abrangentes, valendo citar os “cursos livres” de música. Segundo Saulo Christ Caraveo:

Muitas escolas de música abriram espaço para o curso livre de guitarra elétrica em todo o país. A Escola de Música e Tecnologia (EM&T) e o Conservatório Souza Lima, ambos em São Paulo, talvez sejam as mais conhecidas no Brasil, esta última tornou-se posteriormente Faculdade de Música Souza Lima, transformando o curso livre em bacharelado em guitarra elétrica. (CARAVEO, 2016, p. 8).

Por muitos anos a guitarra elétrica foi ensinada de maneira informal, isto é, não havia uma sistematização por órgãos superiores de educação. A guitarra, diferente do violão, não tinha espaço nas universidades, e até hoje é comum um certo autodidatismo entre os estudantes de guitarra, processo pedagógico muitas vezes desprovido de metodologias e noções gerais de música. Nesse aprendizado informal, o estudante de guitarra adquire conceitos pontuais sobre seu instrumento, se utilizando de revistas direcionadas a esses estudantes, DVDs, entre outras fontes. Durante esse processo autodidata e informal, o aluno vai se alinhando a um determinado tipo de repertório e estética musical, adquirindo, pouco a pouco, o embasamento técnico para performar as músicas de seu interesse. De acordo com Anderson Mariano:

Há uma necessidade de desenvolverem-se habilidades específicas para tocar determinado repertório, e, a partir do repertório, da interação prática com outros músicos e da imitação do conteúdo de gravações. Geralmente, tirando músicas de ouvido ou aprendendo através de vídeos disponíveis na internet, dá-se uma rica forma de aprendizado. Este processo se dá sem uma progressão linear em termos de grau de dificuldade ou organização no sentido acadêmico, mas de uma necessidade de solução prática para acompanhar a formação de repertório. Dessa forma, muitas técnicas instrumentais são reconhecidas e desenvolvidas, bem como são feitas muitas relações pessoais intuitivas de como interagem os conteúdos melódicos, rítmicos e harmônicos das músicas. (MARIANO, 2018, p. 92)

Mariano (2018) também cita que a família exerce uma função crucial na aprendizagem musical:

O ambiente familiar também tem um papel importante, no princípio da formação de muitos músicos, podendo ser um berço de aprendizados informais com uma riqueza que pode trazer um bom diferencial para o estudante, que geralmente tem desenvolvido desde muito cedo seu interesse por música, regido pela vivência prática cotidiana e dentro de um clima de naturalidade eminente. (MARIANO, 2018, p. 92).

Era comum um indivíduo iniciar seus estudos no violão por influência de familiares, e, posteriormente, direcionar seus estudos para a guitarra. Contudo, apesar da aparente ligação entre esses dois instrumentos, a guitarra elétrica se manteve e se mantém no âmbito da informalidade pedagógica, ao contrário do seu parente mais próximo. O violão já permeia o universo acadêmico há algumas décadas, sendo que seus métodos e conceitos mecânicos já são editados a quase dois séculos. Essa diferença basilar polariza os processos pedagógicos, musicais e estéticos onde esses dois instrumentos atuam. Um exemplo dessa polarização pode ser vislumbrado no tardio ingresso da guitarra elétrica nos âmbitos acadêmicos. Somente nos anos 2000 surgem os primeiros trabalhos acadêmicos sobre o instrumento, com o objetivo de defender/normatizar o ensino de guitarra nas instituições superiores.

O aluno que estuda a guitarra elétrica informalmente, muitas vezes é direcionado para uma aprendizagem mais voltada para conteúdos técnicos/mecânicos. Este aluno necessita de um ensino que, além de questões motoras, possa oferecer entendimento sobre as outras disciplinas musicais, como o estudo de teoria, prática em conjunto, leitura musical, percepção, composição, etc. De acordo com França (2002, p. 8) “composição, apreciação e performance são os processos fundamentais da música enquanto fenômeno e experiência, aqueles que exprimem sua natureza, relevância e significado.” Esses pilares apresentam ao aluno inúmeras possibilidades, que somadas à sua criatividade, extraem o melhor que o estudo musical tem a oferecer. O estudo técnico/mecânico, somado aos

diversos pilares da experiência musical, resultará numa melhor compreensão da música como linguagem e fenômeno estético.

O estudo de composição musical permite que o músico expresse sua visão e ideias de forma única e pessoal. Esse processo ocorre sempre que se organizam ideias musicais, “seja uma improvisação feita por uma criança ao xilofone com total liberdade e espontaneidade ou uma obra concebida dentro de regras e princípios estilísticos.” (CAVALIERI, 2002, p. 9). Além disso, o ato de compor exige a compreensão, mesmo que de forma basal, de conceitos como harmonia, melodia e ritmo, tendo como resultado um aprimoramento nos outros pilares do ensino musical, como a apreciação e a performance.

A apreciação musical pode ser considerada uma das mais fundamentais atividades musicais. É de vital importância que o aluno tenha referências musicais, para que o entendimento da música como linguagem aconteça. Como atesta França (2002, p. 13), o estudo deve “levar os alunos a focalizarem os materiais sonoros, efeitos, gestos expressivos e estrutura da peça, para compreenderem como esses elementos são combinados”.

A performance musical geralmente é associada ao virtuosismo instrumental. Segundo França (2002, p. 13) “frequentemente os alunos são obrigados a enfrentar seguidos desafios técnicos sem que haja oportunidade para utilizarem tais recursos com expressividade e sentido musical”. Dessa forma, o resultado é uma performance “sem um sentido musical, sem caracterização estilística, refinamento expressivo e coerência” (FRANÇA, 2002, p. 14). Deve haver um equilíbrio entre o estudo de um repertório que ofereça desafios técnicos, e oportunidades para executar obras mais simples, para que nelas, o estudante trabalhe sua expressividade e estilo (FRANÇA, 2002).

Entendendo esses pilares do ensino musical, cabe pensar em possíveis estratégias para um curso de guitarra elétrica mediado pela internet, onde se ofereça ao estudante elementos e conceitos que tangenciam essas três dimensões musicais: composição, apreciação e performance. Para entendermos melhor as possibilidades e limites de um curso remoto para estudantes de guitarra, desenvolvemos um questionário no qual mais de 50 pessoas opinaram sobre possíveis vantagens e desvantagens de cursos musicais a distância. Esse questionário está disponibilizado integralmente nos anexos deste trabalho.

4 – SUGESTÕES PARA UM CURSO DE GUITARRA ELÉTRICA MEDIADO PELA INTERNET

Idealizar um curso de guitarra elétrica mediado pela internet não é uma tarefa simples. O fato de o ensino musical necessitar de um contato mais próximo entre professor e aluno, impõe certa dificuldade na criação de um curso que tenha potencial para envolver o estudante, pois este, por estar na frente de uma tela, facilmente pode ter sua atenção desligada do estudo. Porém, percebe-se que o tempo escasso na sociedade moderna faz com que se procure, cada vez mais, cursos em EaD. Além disso, durante a pandemia do Covid-19, professores e alunos tiveram que se adequar a um ensino através da internet. E muitos estudantes de guitarra, sequer possuíam equipamentos para uma melhor qualidade de aula online, mas, de certa forma, houve progresso. Apesar do pouco treinamento para lidar com a tecnologia, essa mudança repentina fez com que professores encontrassem meios de transmitir seus conteúdos, fornecendo aos alunos uma certa autonomia de estudo sem a presença física e síncrona de um tutor. Acredito que a internet, pelo menos por enquanto, não é capaz de substituir o ensino presencial, porém, pode potencializar o processo de aprendizagem daqueles que já possuem noções básicas do instrumento.

A seguir trabalharemos algumas sugestões e possibilidades de formatação para cursos de guitarra elétrica em EaD. Os temas escolhidos para demonstrarmos algumas possibilidades pedagógicas que visam uma compreensão mais holística do fenômeno musical foram os modos escalares e a prática de improvisação. O motivo principal para a escolha destes temas reside no fato de que esses são os assuntos mais relativizados em cursos e vídeo aulas de guitarra. Sendo assim, nosso objetivo principal é fornecer novas possibilidades e olhares para cursos que lidam com esses assuntos.

4.1 - O estudo de escalas

Ao estudar escalas, é comum que o estudante de guitarra se depare com os famosos “desenhos”¹³, que, apesar de serem bastante úteis, podem não ser o melhor caminho para um aprendizado mais profundo e correto sobre o tema. O ideal é que juntamente a esses

¹³ Os desenhos, também conhecidos como “*shapes*”, são diagramas usados para mostrar as notas que devem ser tocadas no braço da guitarra para gerar a escala em estudo. (Nota do autor).

desenhos, o professor forneça um estudo mais pormenorizado da teoria: as dinâmicas da construção escalar, suas estruturas intervalares e possíveis aplicações. Cabe-nos entender como isso poderia ser realizado por meio de um curso em EaD. Quando se fala em aula remota, costuma-se pensar que o simples processo de gravação de um determinado conteúdo e seu consequente envio ao aluno já bastam como um processo pedagógico. Porém, por mais que tudo aquilo que for veiculado na aula remota esteja claro na mente do professor, tais conteúdos podem não ser tão facilmente compreendidos pelos alunos. Portanto, torna-se necessário pensar em estratégias pedagógicas que se utilizem de diversas abordagens e ferramentas midiáticas no intuito de potencializar a pedagogia do curso. No caso de um curso que pretenda abordar os conceitos e desdobramentos das mais variadas construções escalares, o pedagogo pode utilizar de abordagens históricas e documentais para que o aluno compreenda, inicialmente, a origem desses sistemas escalares e os repertórios nos quais essas serviam como elementos para a composição musical. Isso poderia ser mais interessante do que apenas a explicação dos “desenhos” da escala pelo braço do instrumento. Observe um esquema para o ensino de escalas:

Figura 5 – Possível ordem para o estudo de escalas no EaD



Fonte: De autoria própria

Inicialmente, o aluno teria acesso a uma compreensão histórico-cultural-estética dos sistemas escalares. Essa primeira etapa poderia se manifestar através de um pequeno documentário, pensado e desenvolvido pelo professor responsável pelo curso. Esse início mais documental, deve expor a situação histórica e estética que rodeia a origem e o

desenvolvimento de cada um dos sistemas escalares estudados, detalhando a cultura musical, o repertório e a posição da música na sociedade daquela época. Dessa forma, o aluno teria acesso não somente ao aprendizado puramente prático, mas também a conceitos históricos, culturais e estéticos que permeiam os sistemas em questão.

As aulas podem seguir de forma que explique cada sistema escalar individualmente, suas localidades e culturas em que eram utilizados, suas relações intervalares e os repertórios que surgem a partir destas. Como uma forma de amarrar ainda mais o aprendizado de cada um desses sistemas. A própria trilha sonora desses documentários poderia ser composta de repertórios que representam a tradição musical abordada pelo professor, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de uma certa intimidade com esses repertórios e sonoridades.

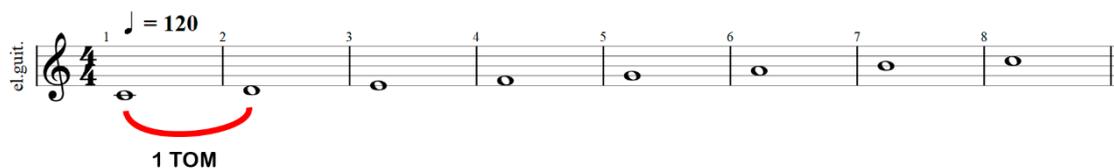
A compreensão da estrutura sonora desses sistemas escalares e das linguagens que se desenvolvem a partir dos mesmos, nos leva à segunda etapa do curso, baseada na apreciação e análise de repertório. Aqui o professor pode utilizar trechos de performance de grupos musicais, *playlists* em aplicativos de música, tudo para potencializar o capital cultural-musical do aluno.

Após essa segunda etapa, chegaríamos na parte mais teórica e analítica do curso. Esta grande etapa é voltada para o estudo mais pormenorizado da teoria musical que rege os sistemas escalares, abordando também a prática desses sistemas no instrumento. Portanto, é uma combinação das três últimas etapas do esquema visto anteriormente. Primeiro, é interessante fazer uma revisão sobre intervalos musicais, antes mesmo de ir para a explicação das escalas.

Pensando numa aula sobre determinada escala, inicialmente, pode ser mostrado a escala na partitura, com pequenos arcos indicando os intervalos, e tudo isso acompanhado de um áudio MIDI¹⁴, com uma animação indicando qual nota está sendo tocada. O objetivo é fazer com que o aluno se acostume com a sonoridade da escala em questão, e ao mesmo tempo visualize sua estrutura. Veja abaixo:

¹⁴ *Musical Instrument Digital Interface* (Interface musical para instrumentos digitais) é um protocolo de comunicação que busca normalizar a troca de informações entre instrumentos musicais e computadores. Neste protocolo não é transmitido o áudio analógico ou digital, e sim mensagens de comando em forma de bytes (VIRGÍLIO, 2017).

Figura 6 – Escala de Dó maior



Fonte: De autoria própria

A intenção é que seja feita uma animação do arco em cada nota tocada pelo MIDI, e que seja mostrado a distância intervalar entre cada nota.

Após essa mostra, realizada com o auxílio de um MIDI, o próprio professor explicará sobre a escala, mas, dessa vez, além de executar na guitarra, explicará também toda sua estrutura intervalar. Nesse ponto, o professor deve utilizar duas câmeras: uma com foco na mão direita e outra com o foco na mão esquerda, para que assim o aluno compreenda a mecânica dos movimentos. Além disso, deve ser mostrado – seja na parte superior ou na parte inferior da tela – a tablatura e/ou partitura da escala em questão.

Figura 7 – Demonstração de posicionamento de câmeras e de partituras numa aula EaD



Fonte: De autoria própria

O intuito é que o aluno compreenda possíveis digitações daquela escala por todo o braço da guitarra, e que consiga executá-las com clareza e segurança.

Além do estudo teórico e mecânico, o professor deve utilizar diversos trechos, frases e exercícios, que utilizem a escala abordada naquela aula, realizando análises no intuito de compreender algumas formas que essa determinada escala assume na linguagem musical. É importante que o professor crie uma *playlist* com todas as músicas

que farão parte dessa etapa. Ele também pode utilizar diversas câmeras, além de tablaturas e partituras sobrepostas ao vídeo principal. Pode-se também usar uma sobreposição, no vídeo já gravado, da escala em 3D. Com as ferramentas tecnológicas que temos atualmente, o conteúdo e sua consequente explicação prática podem ser melhor apresentados em um curso a distância.

Figura 8 – Captura de um vídeo do Andres Aguero



Fonte: Perfil do Andres Aguero no Instagram¹⁵

A imagem acima foi retirada de um vídeo do guitarrista Andres Aguero. Este músico tem o hábito de publicar vídeos no Instagram tocando trechos de músicas, exercícios e escalas. É interessante notar que Aguero faz uso de um recurso gráfico ao sobrepor, em 3D, imagens no vídeo principal. Um curso em EaD de música, e mais especificamente de instrumento, pode ser potencializado ao se usar recursos gráficos como esse.

Ao final de todas essas etapas, o ideal é que o estudante consiga entender a diferença entre as escalas, e que possa executá-las com certa fluidez pelo braço do instrumento. O estudo de escalas leva tempo, por isso é necessário que o aluno seja capaz

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CitWhBdg5Ui/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

de compreender o mínimo antes de ir para a próxima parte do estudo, condizente com a prática de improvisação musical.

4.2 - O estudo de improvisação musical

A prática da improvisação musical apresenta como essência uma certa relação com a habilidade de criação instantânea. Além do conhecimento pormenorizado do tipo de linguagem musical que se deseja improvisar, torna-se necessário um treinamento anterior ao momento da prática, pois o processo é, de certa forma, baseado na tentativa/erro em busca do aprimoramento (GUERZONI, 2014). Esse tipo de estudo vai ao encontro dos pilares musicais – composição, apreciação e performance –, citados por Cavalieri (2002).

De uma forma geral, a improvisação musical acontece em práticas de conjunto (*Big Bands* de jazz, bandas de rock, blues, práticas de música antiga que se utilizam do baixo contínuo, etc.). Em um exercício pedagógico, no qual a improvisação se revela o tema principal, é comum vermos professores e alunos se reunindo para analisar, estudar, e aplicar uma série de frases melódicas em um determinado conjunto de acordes. Tal processo se torna bastante complicado em um curso de formato EaD, visto que, aqui, a interação simultânea e síncrona não se faz possível. Contudo, acreditamos que seja possível, através de um bom direcionamento, oferecermos um curso em EaD que explore a prática da improvisação musical.

Inicialmente é necessário que os alunos possuam uma boa compreensão do cabedal técnico básico da guitarra elétrica, além de compreender a formação de escalas maiores, menores, tríades e tétrades. Visto que os estudantes necessitam de uma base sólida para construir sua identidade musical, o professor pode disponibilizar aulas compostas por exercícios que busquem desenvolver confiança e habilidades motoras, além de uma compreensão mínima acerca da linguagem musical explorada e trabalhada nas aulas.

A próxima etapa tem como foco o treinamento auditivo e, aqui, podem ser realizados exercícios para o reconhecimento de intervalos. É interessante fazer análise crítica de trechos para que o aluno consiga aplicá-los em seu improviso. Além disso, acreditamos ser fundamental explorarmos a prática transcricional dos solos e frases melódicas trabalhadas. A transcrição também pode ser utilizada como recurso para ajudar

o aluno a reconhecer intervalos, escalas e padrões musicais trabalhados ao longo das aulas.

Na terceira etapa, deve ser explorado o lado criativo do aluno. O ideal aqui é incentivar a participação dos alunos, possibilitando aos mesmos reais situações de performance, das quais poderiam ser explorados o conteúdo trabalhado até então. Vale ressaltar que essas aulas podem seguir o padrão visto nas etapas do estudo de escala: audição de um trecho em MIDI, experimentar sobreposições em 3D, utilizar duas câmeras, além da tablatura/partitura estar presente no vídeo. Após o aluno ter compreendido as frases, é importante trabalhar possíveis aplicações em progressões de acordes.

É interessante disponibilizar vários tipos de *backing tracks*¹⁶ ou utilizar *softwares* como o iReal Pro¹⁷ – aplicativo utilizado para o estudo de improvisação e composição musical – no intuito de que o aluno possa explorar sua criatividade em diversas situações de performance. Aqui o professor pode disponibilizar áudios e vídeos: é útil mostrar as escalas que podem ser usadas naquela base, além de deixar visível a sequência de acordes usadas para este fim.

Figura 9 – Captura de um vídeo do Elevated Jam Tracks

Fonte: Youtube¹⁸

¹⁶ Pode ser entendido como “música de fundo”, que no contexto da improvisação, contém uma harmonia como base, podendo ser composta também por outros instrumentos. (Nota do autor)

¹⁷ Disponível em: <https://www.irealpro.com/>. Acesso em 24 ago. 2023.

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z-6B_JYyJsQ. Acesso em 20 jan. 2023.

Uma ferramenta que pode ser interessante é a criação de uma comunidade virtual¹⁹ onde os estudantes consigam postar suas performances de exercícios de improvisação, possibilitando um maior intercâmbio entre os discentes, como também um maior conteúdo repertorial a ser analisado pelos mesmos.

Por último, como um trabalho final, o professor pode organizar uma *Jam Session*²⁰ virtual, onde todos os alunos poderiam improvisar sobre uma mesma base harmônica. Após a coleta de todo este material, o professor pode realizar uma edição de modo a construir um vídeo final onde cada improvisação acontece simultaneamente a outra.

Em todos os casos, é essencial que o professor tenha o mínimo de conhecimento sobre gravação e edição de áudio/vídeo. Entender as ferramentas necessárias para a produção de videoaulas requer um estudo à parte, deixando de lado o estudo da música em si e partindo para uma área que pertence mais aos recursos e tecnologias audiovisuais.

Em relação à captação sonora, é interessante o uso de uma interface de áudio, dispositivo que serve para receber o sinal de microfones e/ou instrumentos. Além disso é necessário utilizar uma DAW²¹, que é um tipo de programa para a edição e produção de pistas de áudio. Existem várias DAWs disponíveis no mercado, como o Pro Tools, Studio One, Logic Pro, etc. e cabe ao produtor decidir qual utilizar.

Figura 10 – Interface de áudio Focusrite Scarlett 2i2



Fonte: site da Focusrite²²

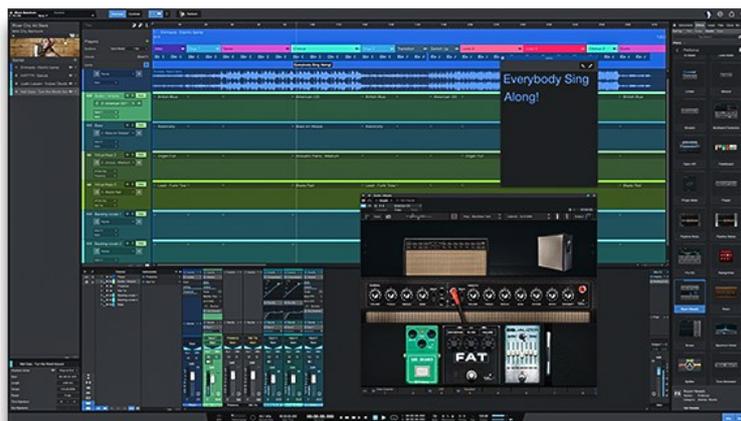
¹⁹ Fóruns e listas de discussão são meios comuns para esclarecer dúvidas e resolver problemas, além de promover o contato duradouro entre pessoas que talvez nunca se encontrarão pessoalmente (GOHN, 2009).

²⁰ É uma sessão musical improvisada em que músicos tocam livremente para explorar novas ideias e interagir uns com os outros.

²¹ *Digital Audio Workstation* – Estação de Trabalho de Áudio Digital.

²² Disponível em: <https://focusrite.com/pt-br/usb-audio-interface/scarlett/scarlett-2i2> . Acesso em 20 jan. 2023.

Figura 11 – Exemplo de Digital Audio Workstation (DAW) – Studio One



Fonte: site da PreSonus²³

Em relação ao vídeo, as aulas podem ser gravadas com o uso de câmeras ou até mesmo smartphones, e, posteriormente, os arquivos devem ser enviados para um computador, onde deverá ser realizada a edição. Para a edição e exportação do projeto final, temos programas similares às DAWs que contemplam a edição do vídeo, como Vegas Pro, Adobe Premiere e Final Cut.

Embora o ensino da guitarra em EaD seja desafiador, vimos que é possível criar cursos que sejam envolventes e eficazes, por meio de estratégias e ferramentas tecnológicas corretas para tal formato. Mesmo que o ensino presencial continue sendo insubstituível em diversos aspectos, o EaD pode oferecer oportunidades valiosas para alunos que já possuem noções básicas do instrumento, potencializando seu processo de aprendizagem e permitindo que eles tenham uma conexão com a música através das novas tecnologias que permeiam a sociedade atual.

4.3 – Questionário sobre o ensino da guitarra elétrica

A finalidade da aplicação de um formulário está na possibilidade de a instituição adquirir uma compreensão abrangente sobre cada aluno. Dessa maneira, antes de iniciar a elaboração de um curso, os métodos podem ser planejados para atender às necessidades predominantes. No intuito de aprofundar nossa percepção sobre o panorama do ensino de guitarra elétrica e seus estudantes, aplicamos um questionário para 52 pessoas. Esse questionário tem como objetivo coletar informações sobre as trajetórias iniciais de cada

²³ Disponível em: <https://www.presonus.com/en/studio-one.html> . Acesso em 20 jan. 2023.

participante, assim como sobre a regularidade de suas práticas, entre outros aspectos relevantes.

1 - Como iniciou seus estudos na guitarra?

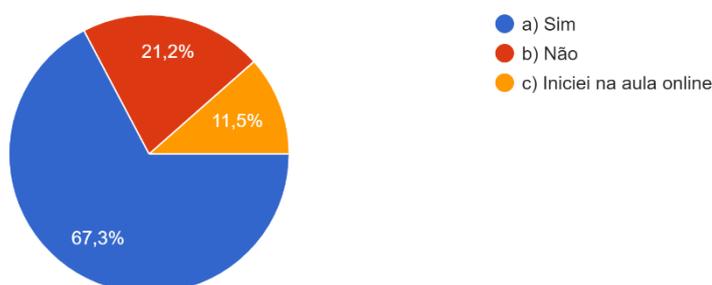
52 respostas



Além das opções, aqueles que não estavam de acordo com as mesmas, poderiam responder a opção “outros”, citando a forma como iniciaram seus estudos.

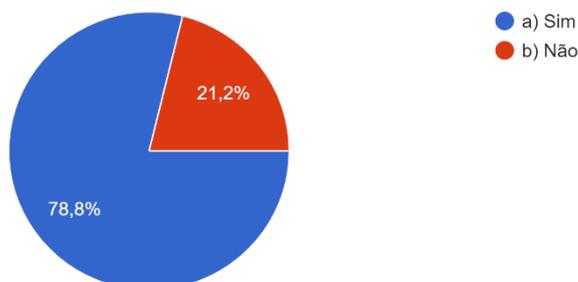
2 - Em algum momento, pensou em fazer aula por meio da internet? (Caso não tenha iniciado dessa forma) Obs: a alternativa "c" servirá para qualquer forma de estudo mediado pela internet.

52 respostas



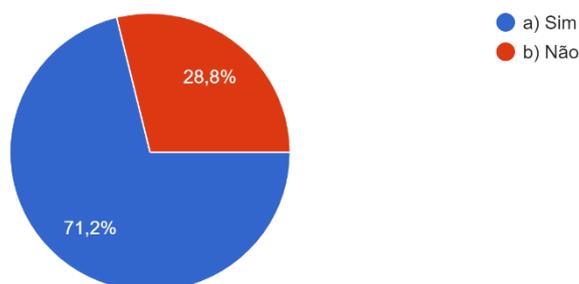
3 - De acordo com sua vivência na guitarra, é possível um indivíduo se profissionalizar no instrumento apenas com formas de ensino mediadas pela internet?

52 respostas



4 - Atualmente, é comum utilizar backing tracks nos estudos. Na sua opinião, em casos de ensino online/EaD, essa ferramenta é equivalente ao acom...o por um professor que atua de forma presencial?

52 respostas

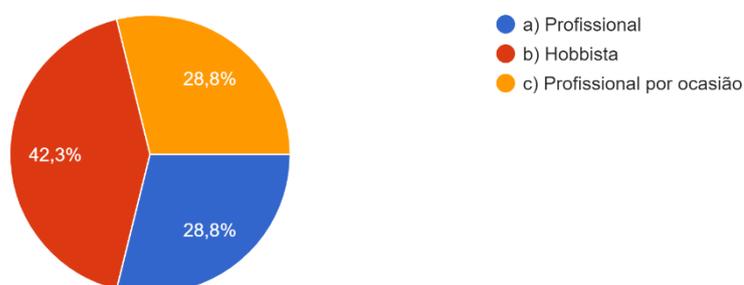


Por extrair o questionário direto da plataforma ‘Google Forms’, algumas perguntas ficam incompletas. Nesse caso seria: “... Na sua opinião, em casos de ensino online/EaD, essa ferramenta é equivalente ao acompanhamento (base) feito por um professor que atua de forma presencial?”

Vale ressaltar que o acompanhamento presencial possibilita uma interação enriquecedora entre os músicos, além de exercer um papel importante no desenvolvimento musical.

5 - Cada indivíduo busca um objetivo com o instrumento musical. Como alguns exemplos temos os que querem levar a música como profissão (Profiss...sião). Em qual desses meios você está inserido?

52 respostas

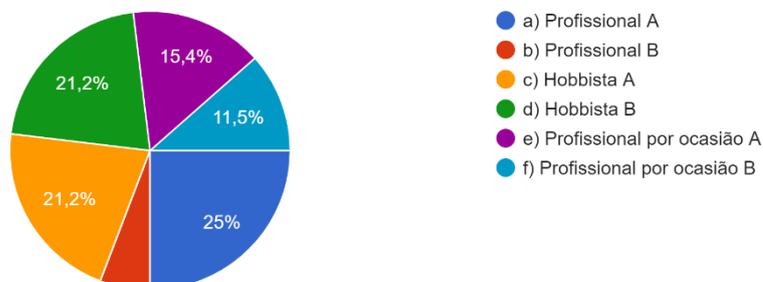


Novamente temos uma questão incompleta, e seria: “... Como alguns exemplos temos os que querem levar a música como profissão (Profissionais), os que aprendem apenas para se divertir, como um passatempo (Hobbistas), e temos também um outro grupo que acho importante citar: os que não pretendem viver da música, mas que gostam do instrumento, e em certas ocasiões realizam trabalho remunerado, como shows, gravações, etc. (Classificarei como “Profissional por ocasião”). Em qual desses

meios você está inserido?” Essa pergunta nos faz refletir um pouco sobre os objetivos dos alunos, e nota-se que a maioria tem a guitarra apenas como uma diversão.

6 - Em todos os grupos citados acima, temos os alunos que são dedicados nos estudos (Tipo A), e os que procrastinam, sempre colocando obstáculos...). Como aluno, você se considera de qual grupo?

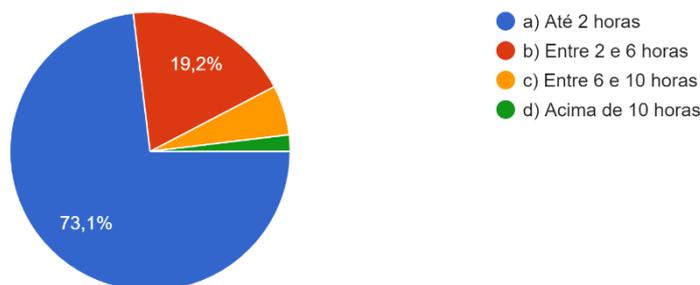
52 respostas



Aqui a ideia é categorizar os indivíduos em dois subgrupos distintos, denominados como A e B. Essa classificação tem por objetivo separar os estudantes que investem um período, e que, mesmo minimamente, tentam incorporar a aprendizagem da guitarra em sua rotina, daqueles que demonstram uma dedicação mais limitada nos estudos.

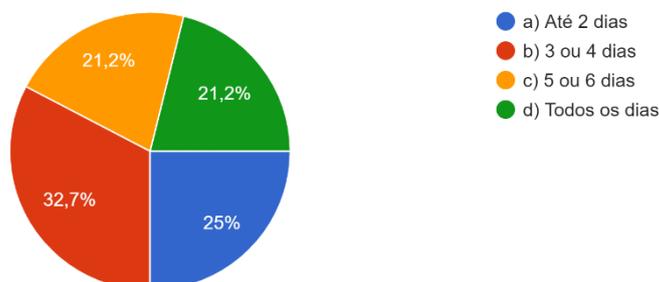
7 - Geralmente você estuda guitarra quantas horas por dia?

52 respostas



8 - Geralmente você estuda guitarra quantos dias na semana?

52 respostas

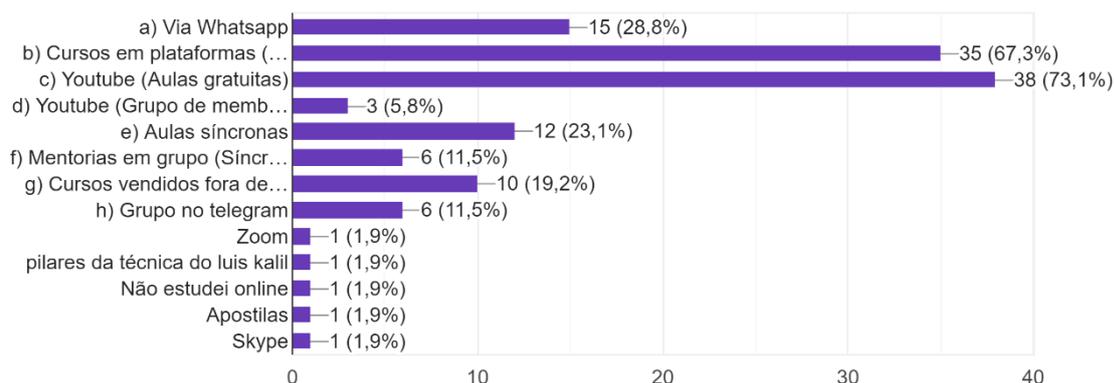


Possivelmente, as perguntas 7 e 8 sejam as mais importantes desse questionário, pois nelas temos dados sobre a rotina dos participantes. Nota-se que 73% dos participantes estudam guitarra até 2 horas por dia. E que 32% estudam 3 ou 4 dias na semana, seguidos de 25% que estudam até 2 dias.

Esses dados são de grande valor para entendermos sobre a frequência de estudos da maioria, além disso, é válido pensar que ao elaborar um curso, devemos atender às demandas dessa maioria. Nesse caso, uma metodologia que seja possível o aluno estudar durante duas horas, entre 2 a 4 dias na semana, cumprindo todas as tarefas propostas pela instituição.

9 - Caso tenha estudado guitarra por meio da internet, QUAIS dos seguintes formatos você teve a oportunidade de experimentar?

52 respostas



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu como uma forma de apresentar sugestões inovadoras e eficientes para o ensino de guitarra elétrica por meio da internet. Para isso, foi indispensável compreender a origem e o conceito do ensino a distância, bem como as etapas cruciais de sua evolução. Isso incluiu explorar métodos históricos de ensino remoto, como o uso de correspondências, rádio, televisão e, mais recentemente, computadores.

Ao entender o passado e a evolução da EaD, extraímos ideias valiosas para aplicação no ensino da guitarra em modo remoto. Dessa forma, as sugestões apresentadas neste trabalho são resultado de combinações de algumas práticas e abordagens adaptadas às necessidades e desafios do ambiente virtual. O objetivo principal era fornecer sugestões para um ensino remoto mais envolvente, eficaz e dinâmico, permitindo que os alunos aprendam e aprimorem suas habilidades musicais, mesmo à distância.

Além de compreender a relação entre o EaD, as novas tecnologias e o ensino musical, torna-se essencial explorar a evolução dessas tecnologias e identificar recursos que pudessem agregar ainda mais valor tanto para professores quanto para alunos. A inclusão de recursos para edição de vídeo, áudio, partituras, dentre outros materiais, permitiu que os professores desenvolvessem materiais didáticos mais ricos e envolventes. Essas ferramentas proporcionam a oportunidade de criar aulas com demonstrações detalhadas de técnicas específicas, facilitando a compreensão dos alunos e estimulando sua prática e progresso. Além disso, a possibilidade de armazenar todo o conteúdo em plataformas digitais oferece comodidade e acessibilidade, permitindo que os alunos revisem as aulas e os materiais de apoio a qualquer momento e em qualquer lugar, através de dispositivos conectados à internet.

Considerando a importância do desenvolvimento de um curso de guitarra elétrica em formato EaD que engaje os alunos de forma efetiva, foram exploradas possíveis abordagens para o estudo de escalas e improvisação. No contexto das escalas, estratégias pedagógicas que vão além dos aspectos técnicos foram adotadas, utilizando elementos históricos, culturais e estéticos para contextualizar os sistemas escalares. Além disso, recursos midiáticos como documentários, animações e análises de repertório somadas a recursos 3D, enriquecem a experiência de aprendizado. Já no estudo da improvisação, uma boa base técnica e compreensão da linguagem musical são fundamentais, aliadas ao desenvolvimento de habilidades auditivas e criativas. A inclusão de *Jam Sessions* virtuais

e o uso de recursos tecnológicos apropriados potencializam a qualidade de um curso a distância, proporcionando interação e colaboração entre os estudantes. Essas abordagens oferecem uma visão completa e enriquecedora do processo de aprendizagem da guitarra elétrica, alinhadas com os conceitos de composição, apreciação e performance.

Uma das ferramentas utilizadas para ampliar nossa compreensão dos benefícios e potencialidades do ensino da guitarra elétrica em modo remoto foi a aplicação de um questionário desenvolvido e organizado pelo autor deste trabalho. O questionário foi aplicado para um grupo de 52 pessoas, cujas respostas integrais encontram-se disponíveis em anexo. É interessante ressaltar que dentre aqueles que responderam, 71% dedicam até 2 horas diárias aos estudos da guitarra. Além disso, observou-se que 32,7% dos participantes reservam de 3 a 4 dias semanais para sua prática. Em relação às desvantagens apontadas pelos entrevistados, alguns desafios foram destacados, como a falta de contato presencial para correções motoras que só poderiam ser observadas pessoalmente, a tendência de "preguiça" decorrente do excesso de conforto em casa, levando à falta de disciplina e dificuldade de concentração, além da ausência de interação com outros músicos. Por outro lado, algumas vantagens foram mencionadas, incluindo a praticidade, o conforto e a comodidade proporcionados pelo ambiente doméstico, bem como a sensação de segurança, além do acesso ao conteúdo a qualquer momento e a redução de gastos de locomoção.

Portanto, ao compreendermos profundamente as demandas dos estudantes e sermos capazes de nos adaptar a elas, abrimos caminho para o desenvolvimento de possíveis cursos de guitarra elétrica que ofereçam uma experiência de aprendizado à distância verdadeiramente enriquecedora e eficaz. É importante ressaltar que o ensino remoto nessa área ainda é um campo relativamente novo e em constante evolução. Este trabalho representa uma pequena contribuição para a área, fornecendo *insights* valiosos sobre o ensino da guitarra elétrica em formato remoto. Espera-se que essa pesquisa possa estimular e direcionar futuros estudos nessa temática, impulsionando a busca por estratégias cada vez mais eficientes e aprimoradas no contexto do ensino musical EaD. O conhecimento gerado a partir desta pesquisa tem o potencial de beneficiar tanto educadores quanto estudantes, fornecendo uma base sólida para a melhoria contínua dos cursos de guitarra elétrica em formato remoto e fortalecendo a qualidade do ensino musical como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Robson Rosa de; **Tecnologias para o desenvolvimento de aplicações multiplataforma: um estudo sobre os frameworks React Native e Flutter.** 2019. Projeto de pesquisa (Graduação) – Curso superior de tecnologia em sistemas para internet, Faculdade e Escola Técnica Alcides Maya, Porto Alegre. 2019. Disponível em: <http://raam.alcidesmaya.com.br/index.php/projetos/article/view/54/54>. Acesso em: 21 dez. 2022.

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.

BARROS, J. D. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 31, n. 58, 2019. DOI: 10.14393/HeP-v31n58-2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36121>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BIANCO, Nelia R. Del. Aprendizagem por Rádio. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.

BORDA, Rogério. **Por uma Proposta Curricular de Curso Superior em Guitarra Elétrica.** 2005. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

CARAVEO, Saulo Christ. **Uma breve história da guitarra elétrica: a conquista acadêmica no Brasil.** In: IX Encontro Regional Norte da ABEM, Boa Vista/RR, 2016. Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, 2016.

CARVALHO JUNIOR, Arlindo Fernando Paiva de; BARBOSA, Lidiane Gonçalves; CASTRO, Leonardo Villela de. **A relação entre as dificuldades na aprendizagem e a evasão de alunos na EaD: um estudo de caso.** Revista Educação Pública, v. 21, no 16, 4 de maio de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/16/a-relacao-entre-as-dificuldades-na-aprendizagem-e-a-evasao-de-alunos-na-ead-um-estudo-de-caso>. Acesso em: 21 dez. 2022.

FRANÇA, Cecília Cavalieri.; SWANWICK, K. **Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática.** In: Em Pauta, v. 13, n. 21, dezembro/2002.

GOHN, Daniel Marcondes. EAD e o estudo da música. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.

GOHN, Daniel Marcondes. **Educação musical a distância**: Abordagens e experiências. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, A. da C. G. A legislação que trata da EAD. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.

GÓMEZ, Angel I. Perez. **Educação na era digital**: A escola educativa. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

GOTTARDI, Monica De Lourdes. **EAD como modalidade facilitadora para capacitação, formação, qualificação e desenvolvimento de competências profissionais**. 2015. Faculdade da Serra Gaúcha, Lajeado – RS. Disponível em: http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_110.pdf. Acesso em 21 dez. 2022.

GUERZONI; Felipe Boabaid. **“A Arte da Improvisação” de Nelson Faria**: influências na pedagogia da música popular brasileira. Belo Horizonte, 2014. 173f. Dissertação de Mestrado em música. Escola de música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

KIPNIS, Bernardo. Educação superior a distância no Brasil: tendências e perspectivas. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.

LIMA, Márcio Santos e MATTAR, Sumaya. **Relação mestre-aprendiz**: um caminho possível para a transmissão de conhecimento em artes. 2017, Anais. Campinas: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003053761.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

LITTO, Fredric Michael Litto; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. **Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LOPES, Rogério. **O Ensino da “Guitarra Brasileira”**: Uma Construção. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARIANO, A. D. **Diretrizes e perspectivas para o ensino superior de Guitarra Elétrica no Brasil**. 2018, 410 f. Tese (Doutorado em Música) – Departamento de Música, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MARTINS, André Lopes. **A guitarra elétrica na música experimental**: composição, improvisação e novas tecnologias. 2015. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.27.2015.tde-13112015-094517. Acesso em: 2023-03-06.

MÓDOLO e FIGUEIREDO, Thiago Grando, Sérgio Luiz Ferreira de. **Ensino e Aprendizagem da Guitarra Elétrica**: Uma Breve Revisão da Literatura – UDESC, 2013.

- MUSSOI, Luan Tomé; **O Heavy Metal como estratégia de ensino da guitarra elétrica em videoaulas**. 2020. TCC (Graduação) – Curso superior de licenciatura em música, Área do conhecimento de artes e arquitetura, Caxias do Sul. 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8990;jsessionid=E0F22C4B802DE3F17DB4BFC7C576E0DF> . Acesso em: 06 mar. 2023.
- NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.
- PALHARES, Roberto. Aprendizagem por correspondência. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.
- SOFTWARE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/software/> . Acesso em: 24/08/2023.
- SOUZA, Neigmar de. Guitarra Elétrica: um ícone na cultura pop do século XX. **Revista Vernáculo**, [S.l.], n. 5, jun. 2002. ISSN 2317-4021. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/18452/12000>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- TELES, Lucio. A aprendizagem por e-learning. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.
- VALENTE, José Armando. Aprendizagem por computador sem ligação à rede. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2009.
- VELEDA, V. C.; LEAL, E. C. **Guitarras elétricas, passeatas e o III Festival da Música Popular Brasileira**. In: XXI Congresso de Iniciação Científica, 2012, Pelotas. Pelotas 200 anos, 2012.
- VIRGÍLIO, L. S. . **O uso do MIDI para a transcrição**. In: 3 Nas Nuvens... Congresso de Música, 2017, Belo Horizonte. 3 Nas Nuvens... Congresso de Música, 2017.
- VISCONTI, Eduardo de Lima. **A guitarra elétrica na música popular brasileira: os estilos dos músicos José Menezes e Olmir Stocker**. 2010. Tese apresenta ao Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Música, 2010.